


Entrevista - Laurindo Leal Filho

“O caminho dos cursos de comunicação é habilitar os jovens para atuarem em diferentes meios”

Por Ana Paula Machado Velho e Antônio Paulino

 professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP e apresentador do Ver TV, transmitido pela TV Brasil, Laurindo Leal Filho, esteve na Universidade Estadual de Maringá (UEM) para ministrar a aula inaugural do curso de Comunicação e Mídias. Durante a visita, a equipe de jornalistas da Assessoria de Comunicação da UEM e da Rádio UEM-FM conversou com ele sobre jornalismo. As impressões de Leal Filho foram transcritas na entrevista a seguir.

UEM – O que o senhor tem a dizer sobre o jornalismo que se propõe a traduzir para o público em geral a produção científica de uma instituição de ensino?

Laurindo Leal Filho – A universidade se sustenta no tripé básico: ensino, pesquisa e extensão. E os canais de divulgação da universidade como o jornal impresso, rádio e TV fazem parte desse pé chamado extensão, que nada mais é do que a devolução para a sociedade, que mantém a instituição através dos seus impostos, daquilo que a univer-

sidade produz. Então, é fundamental que esses órgãos de comunicação estejam com o seu olhar direcionado naquilo que a universidade pode contribuir para melhorar a vida do cidadão, seja na área de medicina, direito, psicologia, economia. Mas, com um papel muito específico que é o de comunicador, ou seja, o de traduzir para o cidadão comum aquilo que a universidade produz dentro dos laboratórios e salas de aula. O comunicador, no caso o universitário, deve ter a habilidade de transformar a linguagem científica e acadêmica em uma linguagem acessível à população, sem vulgarizá-la. Importante respeitar o cientista e o cidadão. Pois, quando o comunicador faz bem o seu papel, presta um grande serviço à comunidade.

UEM – *Com relação a essa questão crítica, o senhor defende o controle social da mídia? E em que nível?*

Laurindo Leal Filho – No Brasil, a palavra controle assunta, porque nos lembramos automaticamente dos regimes ditatoriais. Mas nós precisamos pensar que em uma sociedade democrática não há liberdade sem limites, toda liberdade tem algum tipo de limite. Os órgãos de comunicação não podem atuar sem nenhum tipo de responsabilidade social. O problema é que, como eles têm muita dificuldade na luta pela concorrência, audiência, pela tiragem e venda de jornais e revistas, têm muita dificuldade em fazer essa análise. Você precisa ter um órgão externo para

fazer essa regulação. Eu defendo a existência de um órgão externo para o rádio e TV, não para a imprensa escrita. No caso da imprensa escrita, não deve haver nenhuma interferência do Estado, porque qualquer um pode produzir e colocar um jornal ou revista nas bancas, diferente da TV e do rádio, que dependem de concessões públicas. Então, os meios com um acesso a grande massa devem estar em prol do público. Por isso, é fundamental um órgão regulador para garantir o benefício do público. É assim que funcionam as grandes democracias.

UEM – *Então, a questão da regulamentação é um embate que está aberto?*

Laurindo Leal Filho – Desde o início dos anos 90 ela está na pauta, mas foi esquecida por muito tempo. Costumo lembrar que o ministro Sérgio Mota, o primeiro Ministro das Comunicações do governo FHC, apresentou um bom projeto de lei de comunicação eletrônica para substituir o que está em vigor desde 1962, totalmente ultrapassado. O ministro morreu e algumas tentativas aconteceram depois, mas isso acabou sendo deixado de lado. Só foi retomado no final do segundo mandato do governo Lula, pelo ministro Franklin Martins, da Cecom, porque o Ministério das Comunicações nunca teve muito interesse de levar as discussões para frente, por causa das vinculações dele com as empresas comerciais. O ministro Martins deixou para a

presidenta Dilma um projeto de lei de regulamentação que agora está nas mãos do ministro Paulo Bernardo e parece, pelo menos através das entrevistas que tem dado, que ele vai dar segmento. Até o final do ano, ele disse que enviará um projeto para a Câmara dos Deputados.

UEM – *As redes sociais podem contribuir nesse processo de se entender melhor a mídia brasileira?*

Laurindo Leal Filho – Eu acho que já estão contribuindo, basta ver o que aconteceu na eleição passada, quando o candidato derrotado expressou publicamente o seu desagrado com uma série de blogs que ele chamou de sujos, porque faziam um contraponto à mídia tradicional que o estava apoiando. Só isso já é um belo exemplo que mostra como os blogs estão incomodando certas verdades que aparecem como únicas na mídia tradicional, e a tendência é crescer. Nesse momento, no Brasil, estão sendo organizados encontros de blogueiros progressistas em várias capitais, e isso é um movimento crescente. Vale ressaltar que a maioria desses blogs é editado por jornalistas que passaram pela grande imprensa e que são respeitados, têm credibilidade, e isso faz com que os outros sigam o mesmo caminho. Se essa vertente caminhar para esse sentido, ela pode ser, em médio prazo, um bom contraponto para a mídia tradicional.

UEM – O senhor enfatiza a importância da formação do comunicador e, nesse sentido, como avalia um Curso de Comunicação que trata de comunicação e multimeios, como acontece na Universidade Estadual de Maringá?

Laurindo Leal Filho – Eu acho que acompanha a modernidade. Nós não temos como escapar da convergência dos meios e, hoje, não dá para ter um profissional habilitado para trabalhar somente em um deles. Não só pelas empresas que assim exigem, mas pela própria necessidade social de você ter habilitações para poder transitar pelos vários meios desenvolvidos. Esse é o caminho dos cursos de comunicação no futuro: habilitar os jovens a poderem atuar em diferentes meios, porque, hoje, você percebe que do ponto de vista da produção na comunicação, é fundamental você transitar por todos eles. Mas também da veiculação da comunicação que não se dá por um meio só, mas por vários. Você tem uma expectativa do público em relação à forma como o jornal, o blog, a TV tratam os assuntos. E não é só o comunicador que transita pelos diferentes meios de comunicação, mas o leitor e público também, e cada vez mais. Então, no caso da UEM, estão saindo na frente. Não conheço nenhum curso que tenha esse tipo de trabalho, da forma que está sendo feito aqui. Conheço o curso da PUC-SP, mas não possui a abrangência que me parece está tendo este curso aqui em Maringá.